

# AMAZÔNIA

## cidadania ou capitulação

**Uma involuntária alegoria amazônica  
produzida em parceria por poetas, prosadores e políticos não amazônicos\***

**Armando Dias Mendes**  
Professor aposentado da UFPA  
[ardiasmendes@gmail.com](mailto:ardiasmendes@gmail.com)

A reverberação de um colóquio impossível entre Chico Buarque, Ulysses Guimarães e Machado de Assis vai nos ajudar a entender a Amazônia.

A entender esta Amazônia e as suas agruras nos cem anos transcorridos desde 1912. E também as ameaças que a rondam e as glórias que a esperam no futuro insondável, o por vir depois de 2012.<sup>1</sup> Até onde sei, a aproximação temática entre os três luminares da MPB, do velho PMDB e da velhíssima ABL nunca foi antes aventada, tão distante está a Amazônia em relação aos seus berços, seus endereços e seus interesses. Entretanto, há uma intimidade óbvia entre criaturas suas assaz eminentes e emblemáticas. Refiro-me, em primeiro plano, ao liame entre a ‘Geny’ do Chico e a ‘Cidadã’ sem nome de batismo, de Ulysses. E, logo a seguir, o impacto da intromissão oblíqua da ‘Capitu’ de Machado. Todas as três são polêmicas e contraditórias. Podem parecer, à primeira vista, água e óleos que nunca se misturam. E, no entanto, por trás dos panos, elas se cumprimentam, complementam e completam desde sempre.

As duas primeiras são praticamente contemporâneas. Geny, o rebotalho da Cidade, um pouco mais antiga, é de 1978. A Cidadã em que a Cidade se espelha, é de 1988. Geny foi revelada ao mundo na “Ópera do Malandro”. A Cidadã foi elevada aos altares patrióticos na obra da (re)ordenação política nacional. Geny vivia no submundo do mundo civilizado. A Cidadã foi promulgada impoluta e venerável desde a incubadora institucional. E, no entanto, a enigmática Capitu, correndo por fora, se escondia no lusco-fusco da Cidade mundana desde um século mais cedo e refugiava-se na intimidade humana de todos os tempos.

Proponho por isso dirigir um olhar atento a essa fundamental geomorfologia política e social que tanto nos interessa. Visitar os seus meandros e porões.

### **Geny, a inominável**

Primeiro visitemos Geny. Passo por cima das revelações mais escabrosas de sua nada exemplar biografia. Detenhamos-nos, ainda assim, porque inevitável, no comportamento ostensivo de Geny, quase sempre ofensivo à moral e aos bons costumes dos cidadãos escandalizados. E, no entanto, em momentos cruciais, como veremos, o

---

\*NB – Levem em conta: este é um discurso, digamos, jornalístico, não acadêmico ou científico.

<sup>1</sup> É evidente que ressonâncias amazônicas, de ocasião, podem ser garimpadas na vastíssima obra musical de Chico e nas falas políticas de Ulysses. Nos textos de Machado é menos provável.

mesmo generoso comportamento é posto ao serviço da cidadania suplicante. A genial composição “Geny e o zepelim” é Chico em seu melhor. Condoída pelas condições dos marginais, da escória, a trova descreve de início a má vida de Geny para dizer que as perversões dela/dele fazem a alegria cotidiana do povo. Depois de descrever essa vida devassa, Chico arremata com melancólica ironia que “*Ela é um poço de bondade*” e ainda assim a cidade não se cansa de exortar a si mesma:

*“Joga pedra na Geny!  
Joga pedra na Geny!”*

Eis senão que acontece uma revolução com a chegada imprevista de zepelim vistoso proveniente de algum sítio das estranhas, cujo comandante garboso, e, claro, virtuoso, se propunha a destruir a Sodoma tropical. E, para surpresa geral, eis que, inesperadamente, ele opta por evitar o drama se *aquela formosa dama* o servir. A dama era Geny, e ninguém compreende nada quando a eleita recusa a ‘distinção’, usando de prosódia tão crua, de prosopopéia tão eloqüente que a cidade vê nisso uma heresia e gela. Gela por um instante e de súbito degela e gira em 180 graus a sua visão da Geny e da sua função social, a ser nobilitada de estalo. Assim:

*Ao ouvir tal heresia  
A cidade em romaria  
Foi beijar a sua mão;*

*O prefeito de joelhos,  
O bispo de olhos vermelhos  
E o banqueiro com um milhão.*

O trono, o altar e o balcão viram-se compelidos a cortejar Geny, a Pecadora, que num piscar de olhos se transfigurara em Salvadora, a Única e insubstituível. Para resumir: “*foram tantos os pedidos, tão amorosos, tão sinceros*” que, dominando o asco entregou-se ao amante “*como quem dá-se ao carrasco.*” Não obstante, o comandante saciado, sem ao menos se despedir, mal raiou a madrugada levantou vôo. E a multidão voltou a amaldiçoar Geny e a clamar pela sua lapidação exemplar.

É bem um retrato da volubilidade das massas e de como é possível manobra-las ao sabor das conveniências do momento. Manobra-las por interferências vindas de fora, até mesmo do espaço exterior, e por aderências de dentro, das profundezas tenebrosas da alma humana. A mesma responsável histórica pelas desgraças públicas pode tornar-se, de um momento para outro, o instrumento impar da salvação pública. E vice-versa Tudo depende das óticas do momento, ainda as mais exóticas, muitas vezes deformadas por interesses tão escondidos como (desculpem), o rabo do gato. Eis aí uma ponderável alegoria, não é verdade? E aplicável a essa região da geografia física, humana, econômica, social, moral e política deste nosso particular “*mundo, vasto mundo*” povoado de Raimundos e não Raimundos, que nos é tão familiar e tão cara. Dispensa exaustivas explicações. Logo se percebe o que representa o zepelim imponente que de repente baixa dos céus sobre esse *finisterra*. E quem é o seu comandante, e a tripulação que comanda. Que intuítos o dominam, que artimanhas utiliza para conquistar a sua presa. E como, uma vez saciado, a abandona à própria sorte. Tal qual, no mundo real, para o bem e para o mal, a Amazônia é muitas vezes cobiçada, e noutras, apedrejada na condição da Geny da *Geia*, de *Gaia*. A Geny universal.

Isto posto, precisamos dirigir-nos à senhorial casa da Cidadã excelsa, tendo, todavia o cuidado de antes consultar, não propriamente Capitu, mas Bentinho, além de fazer um elogio e esclarecer um conceito.

### breve nota sobre um longo capítulo

No Cap. III de *Dom Casmurro* (o livro), Dom Casmurro (o autor e protagonista) já anda aos cochichos com aquela que viria a ser a guia e tormenta de sua vida: Maria Capitolina, carinhosamente reduzida a Capitu. Aquela mesmo, a de “olhos de ressaca” (marítima, esclareça-se), a de “olhos de cigana” (mas era preconceito do autor), a de “olhos oblíquos e dissimulados”, conceito definitivo e desafiador. O romance foi lançado em 1899, e em 1912, a quando da crise da borracha, é de supor que já se discutia se Capitu -- casada com ‘Bentinho’, aliás, José Bento, ou seja, ele próprio, Dom Casmurro -- o traiu ou não. Se o filho Ezequiel era realmente filho dele ou do amigo Escobar. Do “muito amigo” Escobar. Passados cem anos, continua-se a discutir a incógnita, sem consenso em torno de uma resposta capaz de aglutinar sólidas razões para o sim ou para o não. Registremos o impasse, nesta breve anotação, para mais adiante, em paralelo à Cidadã, num capítulo apropriado, inserir Capitu na interminável casmurrice a respeito do necessário engenho novo da Amazônia.<sup>2</sup>

É preciso, porém, prolongar um pouco mais esta pausa a fim de publicar um elogio e clarear um conceito.

### intermezzo para o amor

O elogio alveja o substantivo **amor** e o verbo **amar**. Porque essas preciosas palavras e os seus sinônimos, parônimos e antônimos estão por trás de tudo o que até aqui foi dito e à frente de tudo mais que ainda precisa ser dito.

O mote, eu o tiro da boca de Caim ao ser interpelado sobre o paradeiro de Abel: -- *Não sei. Acaso sou eu o guarda do meu irmão?* Caim, mordido pela inveja,<sup>3</sup> matara Abel. Mas não se encontra de imediato, no Gênesis, a contra-resposta à resposta atrevida. É preciso garimpá-la nos muitos livros que se seguem no conjunto do grande Livro, onde aparece codificada com Moisés no alto do Monte Horebe, e vai ser aperfeiçoada em uma outra montanha no Sermão das Bemaventuranças. Em resumidas contas, e numa tradução livre, a resposta é: -- *Sim, tu és o guarda do teu irmão. Na realidade, todos nós que nos reconhecemos semelhantes, iguais e irmãos, os mais próximos uns dos outros, somos os guardas uns dos outros.* Anjos da Guarda, se quiserem.<sup>4</sup> Ou, posto de outra maneira: -- *Haveis de amar e, portanto, cuidar dos que vos são próximos.* Querendo ou não, somos e seremos cuidadores da naturalidade. E, por igual, em mútuo, cuidadores da humanidade – por vezes relaxados, é bem verdade.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Note-se: nada a ver com “Engenho Novo”, o bairro onde o casal residiu depois de ‘Matacavalos’ (sic).

<sup>3</sup> No livro “A Medicina popular do Centro-Oeste”, lançado em Brasília no início do ano, o autor garante, segundo resenha publicada no “Correio Braziliense”: “*O receituário inclui simpatias, além de remédios naturais. Para curar inveja, por exemplo, aconselha-se usar resina e folhas de alecrim queimadas como defumador (...).*” Dado que, segundo especialistas, a inveja é o vício ou pecado capital que dá maior Ibope, é de imaginar que a clientela potencial da receita é formidável.

<sup>4</sup> Jaculatória aprendida na infância: “*Santo Anjo do Senhor, / meu zeloso guardador, / se a ti me confiou a piedade divina. / sempre me guarda, conserva e ilumina, amem.*”

<sup>5</sup> Atenho-me, por motivos translúcidos, à tradição judaico-cristã, que é a base, por vezes corrompida, da civilização ocidental. Se mais competência tivera, poderia invocar também, além dos *Táboas da Lei*, as *Provisões para o Fiel* do islamismo e as *Regras do Viver Correto* do budismo.

Amar e amor, todavia, são vocábulos que ao longo das eras se poluíram e tornaram-se poluentes, além de polivalentes. Para o gasto do momento proponho um entendimento simples, com base em dois consagrados poetas patrícios, Olavo Bilac e Adélia Prado, afora digressões auxiliares com outros nomes. Do primeiro, Bilac, vamos singrar o conhecido soneto em que nos estimula a “*ouvir estrelas*”. Da segunda, Adélia, vamos tentar absorver os ensinamentos do pequeno grande poema “*Ensinamento*”. Bilac recomenda-nos amar para sermos capazes de, não apenas ouvir, senão “*ouvir e entender estrelas*”.<sup>6</sup> Adélia, poeta do cotidiano, relembra uma cena da infância, uma cena que é toda ela um gesto de amor sem falar em amor<sup>7</sup>, “*essa palavra de luxo*”.<sup>8</sup>

Se alguma coisa, porém, podemos depreender desses testemunhos é que amar não é um sentimento insípido, inodoro e incolor como a água, e, além disso, inócuo. É o impulso que nos impele a guardar o outro, zelar, velar, responder por, i.e. ser responsáveis uns pelos outros. Tudo isto está em negativo na resposta-pergunta de Caim. E, a outro ângulo, em positivo, amar é cuidar do outro, como expresso no gesto da mãe de Adélia.<sup>9</sup> É mesmo, acrescente-se, acudir ao outro, como ilustrado na parábola do Bom Samaritano. O amor, em suma, é feito de ação, gestos, movimento em direção ao outro, em benefício do outro, a ser praticado, acrescente-se, da mesma maneira que a si próprio. Nem mais, nem menos. Os gestos de amor adquirem, por isso, diversificados formatos: dar de beber a quem tem sede, de comer a quem tem fome, socorrer aos injustiçados, consolar os que sofrem, visitar os enfermos, os prisioneiros, acolher aos forasteiros, proteger as viúvas e os órfãos... Cada um dos humanos, em sendo vítima de carências e privações, posto em situação vulnerável, é o nosso próximo. Isso é amar, isso é dar amor.

Ressalve-se, por essencial: a prescrição não vale só nem principalmente para as relações inter-pessoais, se concretiza mais do que no plano individual, no social. Amar não é apenas converter-se em esmoler de sinais de trânsito de 2ª a 6ª feira, ou de batentes de porta aos sábados – e no ofertório nas missas de domingo. É, sobretudo, influir no coletivo, ajudar a transformá-lo, -- é, no sentido próprio do termo, educar pessoas e coletividades. Requer, portanto, ações afetivas e efetivas, proativas, no plano comunitário. Aquelas tendentes a garantir renda mínima, chão & teto, escola, saúde, cultura, e muito mais. Garantir “inclusão”, a mantra do momento. Tudo isso escorado em obras e instituições de saneamento básico, transporte coletivo, polícia, justiça, segurança e seguridade E, ainda, nas emergências, ausências e incompetências, expresso também em obras de caridade, filantrópicas ou assistenciais, por que não?

---

<sup>6</sup> “Chave de ouro” do famoso soneto: *Direis agora: “Tresloucado amigo! / Que conversas com elas? / Que sentido / tem o que dizem quando estão contigo?” // E eu vos digo: “Amai para entendê-las! / Pois só quem ama pode ter ouvido / capaz de ouvir e de entender estrelas.”* Provocava suspiros, que, exagerando um tantinho, diria serem tão ou mais audíveis do que os gritos de Maria Sharapova ao jogar tênis.

<sup>7</sup> **Ensinamento** -- *Minha mãe achava estudo / a coisa mais fina do mundo. / Não é. / A coisa mais fina do mundo é o sentimento. / Aquele de dia de noite, o pai fazendo serão, / ela falou comigo: “Coitado. Até essa hora no serviço pesado”. / Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo / com água quente. / Não me falou em amor. / Essa palavra de luxo.*

<sup>8</sup> Palavra a encobrir, segundo céticos, um “sentimento esdrúxulo” que invariavelmente leva a escrever “cartas ridículas” no dizer de Álvaro de Campos, aliás, Fernando Pessoa.

<sup>9</sup> Note-se, por oportuno, que o Gênesis contém não uma, duas narrativas da Criação. A mais citada culmina com o surgimento de Adão e Eva e o mandamento de encher a terra e domina-la. Outra, menos invocada, coloca os humanos no Jardim do Éden com a missão de o cultivar e guardar. A primeira versão é apontada como a origem original da civilização predadora. A segunda, como a inspiração mais remota da civilização cuidadora.

Em suma: ações tanto estruturais como conjunturais. Aquelas, mais do que estas. Destinadas a melhorar de preferência o IDH, a FIB<sup>10</sup> e os seus correlatos, antes que o PIB e suas deformações. Destinadas a aprimorar o ambiente social e (res) guardar o natural.

Até aqui, o elogio. Agora, o conceito.

### **Amazônia, o conceito**

O século passado foi marcado, entre outros fatos memoráveis, por duas guerras mundiais e dois naufrágios históricos: estes, o do *Titanic* e o da Amazônia.<sup>11</sup>

Ocupamo-nos aqui do segundo, em que a Amazônia comparece na sua dupla condição de desastre e vítima. Não, porém, a trazendo à boca de cena para entoar tardio lamento pelo seu afundamento em 1912. Ao contrário: preparando a plataforma de lançamento e acalanto da Amazônia que todos queremos ver ressurgir plenamente no após 2012. Mas de que Amazônia estamos aqui a falar: a simbólica ou a diabólica?<sup>12</sup> Que conceito fazemos dela? Para nós, que nos confundimos com ela, o patronímico somente se faz compreensível se aplicado à região de forma... compreensiva, utilizado de modo... útil, sobretudo pela própria Amazônia e com o respeitoso aproveitamento das... amazonidades. Quero dizer: homenageada a sua individualidade, preservada a sua inteireza, atendida na sua completude. Quero dizer mais: os amazônidas postos moral e materialmente em igualdade de condições com todos os não amazônidas, em todos os quadrantes da Terra, em todos os tempos. Em suma: em todos os casos e para todos os efeitos. Para outros, os exóticos, os que a vêm de fora, ela se mostra inteligível só quando retalhada. Dessa maneira, que lembra o método de sinistro personagem do século XIX<sup>13</sup>, e só dessa maneira, ela se lhes faz acessível, manejável. Então, coerentes com o diapasão dos seus interesses e terrores, egocêntricos, dedicam-se ao afã sinistro de fatiar o conceito de Amazônia. E servem-na nos mercados mundiais em fatias. Uma dessas fatias, a preponderante e exclusivista, é o ambiente natural. As outras duas, o ambiente social e seus habitantes (que, aliás, povoam os dois ambientes superpostos), descartam-nas pura e simplesmente. São sobras, lixo. São estorvos que é preciso remover. Assim, a Amazônia é reduzida por alguns à sua **capa** natural, esvaziada. Um santuário a preservar – ecologia pura. Um hábitat sem habitantes. São os ‘idealistas’. Para outros, em contraste, unicamente merece consideração a **cepa** produtiva, moderna, inserida nos circuitos mundiais – economia pura. A Amazona é produção Com predação se necessário, ou sem predação, se possível. Acham-se ‘realistas’. Para alguns mais, talvez raros, é ela uma sociedade humana despreocupada de riscos naturais e de distorções econômicas, uma **copa** viçosa a coroar o vácuo – ecomomia pura. A Amazônia são os amazônidas, ecologia e economia à parte. E esses descolados são o quê? “Humanistas” enlouquecidos, suponho.

<sup>10</sup> Felicidade Interna Bruta (proposta de Sua Majestade o Rei de Butão), por contraste com o Produto Interno Bruto. É ampliação e coroamento do Índice de Desenvolvimento Humano. Estranho é relacionar felicidade com brutalidade, mas essa é obviamente mera questiúncula semântica.

<sup>11</sup> E também o centenário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a “Ferrovia do Diabo”, desativada há já muitos anos.

<sup>12</sup> Só para lembrar: ‘simbólico’ é aquilo que une; ‘diabólico’, o que desune, o que divide.

<sup>13</sup> “Vamos por partes” lema atribuído a Jack, o Estripador.

Essas fatias-fantasia de Amazônia simplesmente não se sustentam. Tampouco há algo parecido em nenhum dos continentes que contornam a Terra. Esse é, ainda assim, o esboço do libelo acusatório mal enjambrado, trombeteado ao redor do mundo, que reflete a interminável disputa pela primazia entre o *habitat* aqui e os *habitantes*, estejam eles aqui ou ali. Disputa mediada e moldada pelos *hábitos* ou comportamentos humanos em iteração com os seus semelhantes e com a natureza cá e lá. É o velho triângulo de enquadramento da vida humana sobre a face da Terra – *habitat*, *habitantes*, *hábitos* -- que alguns insanamente se dedicam a reduzir a um vértice fictício solto no ar, desprovido de esteios ou tirantes. Que equiparam a natureza a uma pedra angular pairando no espaço à espera que a abóbada em construção, sua razão de ser, alcance. Na prática, porém, é com um modelo dual – ambiente e gente – que temos de trabalhar no sentido de quebrar a falsa fatalidade da condenação da Amazônia situada (e sitiada) no mundo a uma crônica monótona (mas dicotômica), de amor e ódio. Essa, a escolha impossível que nos querem impor: a eleição entre um paraíso perdido e um almoxarifado a ser logo exaurido.<sup>14</sup> Essa, na primeira versão, a Amazônia adotada pelo centrão geopolítico do planeta, que a identifica exclusivamente com a natureza natural e assim a reduz a lenha para o festim diabólico, a fogueira de purificação a que vimos sendo condenados à revelia, faz tempo. Ou, na segunda versão, o fatal esgotamento dos ambientes, e por conseqüência o das gentes, O repto contestador desse fado, desse fardo, é a conciliação, aparentemente ilusória, entre o (ab)uso da natura e os justos reclamos da cultura humana.

Arrematando a analogia do início, descobrimos que realmente a Amazônia se tornou a *Geny* global, a Grande Pecadora *urbi et orbe*. A infeliz destinada a ser incansavelmente lapidada pelos guardiães da pureza dos ares e das águas universais y *algumas cosas más* – aquelas acima, abaixo e ao lado dos ares e águas que a Amazônia, só ela, envenena. Essa cega visão salvacionista, seletiva, amazonofóbica, alimenta receitas insustentáveis do tipo “desmatamento zero”, sem a contrapartida corretiva do “apoderamento (*sic*) máximo” dos seus ignorados habitantes. Na verdade, e bem ao invés, implícita e até explicitamente essa cruzada bárbara empunha a bandeira do despovoamento total da região. Na prática, é construída, embora nem sempre sacramentada, a fórmula em grande parte amazonicida de “*Despovoamento absoluto para garantia do desmatamento zero*”.<sup>15</sup> Atitude reducionista que na sua configuração mais branda é capaz de fabricar a proposta indefensável da concessão de propinas às populações renitentes para se absterem de queimar a floresta, e por esse meio lograr manter em níveis decentes, no globo como um todo os indicadores de poluição.<sup>16</sup> E isso, em si, parece bom, sabe bem. Mas, recitado e receitado de forma isolada, é ruim, porque arredo à reciprocidade, não acoplado a um bom exemplo, desacompanhado de abstinências equivalentes por parte dos cobradores vorazes. Ao contrário, ele vem associado à automática obtenção de uma *ad aeternum* “licença para poluir” (transgênico de licença para matar), um prêmio aos doadores da bolsa fumaça. Fruto, portanto, não de apreço, mas de desprezo pelos outros. Centrado na idolatria narcisista. Fosse respeitada a isonomia, e deixaria de ser um castigo imposto por estes àqueles, seria uma cooperação harmoniosa, uma coabitação virtuosa. Entretanto, é assim que logram também aplacar um tanto as suas próprias tortuosas e tormentosas consciências. Reconheça-se, proclame-se: esse é um perigoso precedente a inspirar, quem sabe, no

<sup>14</sup> Dou testemunho pessoal de que a figura do ‘almoxarifado’ foi cunhada pelo Prof. Wilton Santos Brito, da UFPA, seguramente há mais de quarenta anos. Curiosidade: é um dos poucos vocábulos constantes do “Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Morta” que escapa ao logocídio registrado por Alberto Villa.

<sup>15</sup> Quando muito, os humanos remanescentes na região seriam reduzidos à condição de guardas florestais.

<sup>16</sup> Slogan corrente no hemisfério norte: “*Forest there, farms here.*” Precisa dizer mais?

futuro mais ou menos imediato, a bandeira da “criminalidade zero” entre a ralé da periferia, com o escopo de poder sustentar, sem incômodas coceiras éticas, taxas históricas de ilícitos penais entre os bacanas e conspícuos no centro.<sup>17</sup>

E nem vamos falar em proposições outras com igual dose de duvidosa confiabilidade tais como a “economia verde”, ou “capitalismo verde”, de algum modo entronizada na Rio+20.<sup>18</sup>

### **a Cidadã de apelido Capitu**

Completada a tempestuosa travessia do mistério que gera aquela força que “*move o sol e as outras estrelas*”, encetemos finalmente a necessária visita à festejada Cidadã, *née* Constituição pura e simples.

Almeja-se em algum momento alcançar e aclamar a *Pax Amazonica*, uma vez estabelecidas relações amigáveis, estáveis e sustentáveis entre os seus múltiplos ambientes e as suas múltiplas gentes. Não pode converter-se esta crônica em uma vã tentativa de anacrônica restauração da *Belle Époque* pré 1912. Será, essa utopia, assim se espera, resultado da paciente tessitura das três sustentabilidades primárias da obra salvífica do mundo e dos humanos, essenciais para a missão de garantir a governabilidade da Terra. Essas – as do hábitat, a dos habitantes e a dos seus hábitos sadios -- as sustentabilidades que compõem uma unidade literalmente simbólica, viva e complexa. Então temos, de um lado, o espólio de uma lembrança de coisas idas e vividas, inapelavelmente mortas. E de outro, a vida estuante (por vezes extenuante) dos que vivemos hoje e dos que viverão no futuro, nossos descendentes, herdeiros e continuadores. Vivos e mortos, o que fazer com eles?<sup>19</sup> Tudo está interligado de forma indissolúvel como nos casamentos antigos. Há, na natureza, uma ‘simpatia’ que aproxima tudo de todos.<sup>20</sup> Em contraste, nem sempre se encontra na sociedade a liga capaz de cimentar o buscado equilíbrio entre as dinâmicas distintas de cada uma das partes do todo. Não obstante, ‘Regras’ vocacionadas a essa tarefa são consagradas nos estatutos nacionais, regionais, locais, e até nos internacionais. A Constituição de 1988, inúmeras vezes @emendada, a essa luz foi batizada no nascedouro de “Cidadã”. E o é, por muitos títulos. Mas padece, lamentavelmente, de grave transtorno bipolar congênito, no que respeita à sua postura face aos desafios das desigualdades espaciais mais do que frente aos desafios, igualmente deploráveis, das desigualdades sociais.

Com efeito, não é qualquer Carta Magna que inscreve logo após o Preâmbulo, como um dos “Objetivos fundamentais da República”, a redução dessas desigualdades. E que, para tanto, muito coerentemente, cria os chamados Fundos Constitucionais (entre

---

<sup>17</sup> Já redigido o borrão deste ousado, entretanto acanhado ensaio, eis que leio na internet que em El Salvador, muito recentemente, o Estado, a Igreja e o Crime celebraram um pacto de bem viver, que reduziu a taxa de criminalidade em cerca de incríveis três quartos, não é dito em quanto tempo. A notícia, lamentavelmente, tampouco descreve quais os ‘direitos’ e ‘deveres’ assumidos ou atribuídos a cada uma das Altas Partes Contratantes.

<sup>18</sup> No momento em que está sendo posta no papel esta modesta investigação, ainda antes da Rio+20, é impossível avaliar os acertos e desacertos que nela virão a se materializar. O conceito de economia verde é visto com desconfiança por eminentes economistas-ecologistas e similares. E denunciado como um instrumento sob medida para mercantilização da natureza. [Só para constar, outra vez.]

<sup>19</sup> De Pombal, em bom e sonoro português, ao ser indagado sobre as providências a tomar após o terremoto de 1755, que arrasou Lisboa: “*Enterrem-se os mortos. Cuide-se dos vivos.*” E nada mais disse nem precisava dizer no momento. Mas havia muito a fazer daí por diante.

<sup>20</sup> Cabe aqui menção ao “efeito borboleta”, segundo o qual o seu bater de asas na Califórnia pode provocar uma tempestade na Mongólia.

eles, o FNO) e outros dispositivos espalhados ao longo do escrito.<sup>21</sup> Mas que “ao mesmo tempo e sem corar, estabelece ‘compensações’ em benefício dos estados e regiões mais bem dotados. Um exemplo eminente dessa engenharia que envolveu excelsos constitucionalistas, administrativistas, tributaristas etc.etc.: a imunidade do ICMS “*sobre operações que destinem a outros Estados petróleo, inclusive lubrificantes, combustíveis líquidos e gasosos dele derivados e energia elétrica.*” Este último caso é, primordialmente, o dos Estados quase homônimos, Pará e Paraná. Outro exemplo: o Fundo do IPI. E muitas jóias mais.<sup>22</sup> Era de esperar que essa matriz legasse a capacidade de disseminar a síndrome da dupla personalidade à sua incontável descendência de sucessivas gerações de leis complementares e ordinárias, sem falar nas todo poderosas e esticáveis medidas provisórias; e mais a multitudinária família de decretos mis, estatutos, regulamentos, portarias... E que, portanto, no nível infraconstitucional, viessem a prosperar pérolas como a Lei Kandir, que priva os estados exportadores de minérios e outros bens primários da receita a que teriam direito. Uma espécie de anticoncepcional fiscal a ser compensado pela inseminação artificial de numerário da União que, todavia, fiel a tradição imemorial, não costuma comparecer a tempo e hora e no volume devido. Ou mesmo por leis de índole regional bem intencionadas mas, na prática, perversas como a de nº. 124/2007, que fez a Sudam ressuscitar das cinzas. Ressuscitou, mas para quê, visto que veio ao mundo mutilada por vetos presidenciais que a podam de todas as vacinas nela incluídas contra privação, escassez, contingenciamento de orçamentos, créditos, receitas. Nem é excessivo relembrar, no capítulo das maldades, o lastimoso e interminável carpimento pelas escusas manobras que impedem concluir as obras das eclusas de Tucuruí.<sup>23</sup>

Na “Ópera do Malandro” já vimos que a desprezível Geny chega a se converter, por um breve hiato de tempo, de maldita em bendita. De execrada, em exaltada. Na Regra Suprema do país dá-se o inverso. Com uma diferença marcante: a requintada, requestada Cidadã, assume parcialmente, mas em caráter vitalício o figurino da Geny. E por quebra, o de Capitu. Um “poço de bondade” como a Geny. E dual, dúbia, duvidosa, “oblíqua e dissimulada” como na definição machadiana. Revela-se, pois, não mais uma Cidadã anônima, mas uma Cidadã que se comporta como Geny, que atende pelo apelido de Capitu, **a Capitu do Direito Constitucional** pátrio e, presumo, universal. É assumida e abertamente bipolar. Infiel ao juramento de amor incondicional, irrevogável e irredutível consagrado no seu art. 3º, III. Ao opor aos mecanismos e instrumentos que distinguem a Amazônia,<sup>24</sup> outros da mesma estirpe em favor das regiões e estados avançados, praticamente consagra, congela, convalida as desigualdades. De caso pensado, dá com uma das mãos, tira com a outra. Flerta levemente por trás dos panos. Nunca se entrega por inteiro ao seu amor ‘oficial’. Trata de modo igual os desiguais, em lugar de adotar corretores todos eles na razão direta das necessidades e na razão inversa das capacidades.

<sup>21</sup> Refiro-me principalmente às numerosas provisões sobre desenvolvimento regional, planejamento nacional e regional, regionalização do orçamento federal, e correlatos.

<sup>22</sup> Exemplificando: o texto original da Carta Mana continha disposições de autorização para os Estados criarem um adicional de até 5,0% ao imposto de renda arrecadado no respectivo território (exercício masoquista para amazônidas curiosos: comparem o valor absoluto possível da arrecadação do seu estado com a de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e outros menos votados). O dispositivo foi abolido na mini-reforma do início do milênio, que, para compensar, também aboliu normas favoráveis à periferia, como a que remetia a lei complementar para definição de regras capazes de garantir retenção de parte dos depósitos bancários capturados em cada região.

<sup>23</sup> E eis que de repente, não mais do que de repente, são anunciadas **27** novas eclusas a desimpedir de vez a navegação fluvial no país. Alvíssaras!

<sup>24</sup> Não só ela, reconheça-se, mas é nela que está o nosso foco.



De qualquer maneira, é inegável que muitas obras e investimentos federais têm sido e continuam a ser realizados na região sob sucessivos governos. Ninguém pode negar. Percebam, no entanto, que eu falei **na** região, não falei **pela**, ou **para**, ou **em favor** da região. Do ponto de vista territorial não há nenhum automatismo entre a causa e os efeitos. Ao contrário, em maioria os efeitos multiplicadores dos investimentos são ostensiva e ofensivamente canalizados para o Brasil amazônico, quando não para o resto do mundo. A energia de Belo Monte, à guisa de exemplo, só em 4,0% será consumida no Pará. Logo, recolherá ao erário paraense algo como 4,0% da totalidade do ICMS que vai propiciar. Os outros 96,0% nós os presentaremos, de boa ou má gana, aos erários dos estados consumidores. E é a mesma perversa cacofonia que em proporções variadas já soa há décadas em Tucuruí e vai soar também em Rondônia por conta de Jirau e Santo Antônio. E em torno de quantas mais hidrelétricas forem projetadas e construídas, dezenas, como anunciado, no Tapajós, no Tocantins, no Xingu, no Telles Pires, no Aripuanan, no Roosevelt e demais potenciais espalhados por este mundão do Grão Pará.<sup>25</sup> Ao mesmo tempo, parcela considerável das populações locais continuará dependente de lamparinas e lampiões, ou, na melhor das hipóteses, de geradores locais precários, poluentes e caros. Mas vê boquiaberta, babando de inveja, os seus povoados e vilas serem salteados pelos linhões de transmissão da energia produzida aqui dentro para consumo lá fora, a ser tributada lá fora, multiplicando emprego e renda lá fora. Está bem, eu sei, todos sabemos, miraculosamente somos um país só. Falamos a mesma língua (com sintaxes e sotaques um tanto variados, não importa). E perante a Lei Máxima, e a miríade de leis mínimas, somos todos iguais. Somos em síntese “*um país tropical, abençoado por Deus, bonito por natureza*”, Jorge Benjor que o diga. E daí? Então, com todo respeito, e ainda que mal pergunte, se somos todos bonitos, abençoados e iguais, por que cargas d’água uns são notoriamente mais iguais do que os outros?<sup>26</sup> Consagrar essas desigualdades é por acaso obra de amor infindo, inesgotável, inigualável? Daquele amor que elogiamos lá atrás, o amor benevolente? Ou de amor concupiscente? Com quem, afinal, estamos lidando: com a leviana Geny, com a impoluta Cidadã ou com a insondável Capitu?

Entoaremos ao fim e ao cabo uma litania à **cidadania** amazônica ou redigiremos o epitáfio da sua **capitulação**?

---

<sup>25</sup> Claro, há a clareira manauara do complexo Zona Franca/Pólo Industrial, que pelas suas especificidades merece tratamento à parte, não abordada explicitamente aqui. Mas que tem se voltado historicamente para a oferta de produtos que não demandam insumos locais senão em escala reduzida, gerador de empregos diretos em números expressivos, e ainda assim, pela sua artificialidade radical, incapaz de multiplicá-los por indução na própria região. Em si mesma, um corpo estranho e enclave, de outra configuração, é certo, mas em essência comparável aos Grandes Projetos de mineração. E que, pela sua dependência de favores excepcionais, fica sujeito aos efeitos dos bons ou maus humores dos Códigos Tributários de outros estados (entenda-se: basicamente, São Paulo), bem como do grau de abertura do comércio internacional (exemplifique-se: a invasão de produtos chineses, geralmente ruins, feios e baratos). E mais o grau de sensibilidade, maior ou menor, do STF para captar todas as nuances das variáveis nacionais, intranacionais e internacionais envolvidas, quando chamado a decidir Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADINS, para os íntimos) e mandados de segurança impetrados para deslindar a selva selvagem, o mato grosso de Constituições, instituições, leis, decretos, regulamentos, portarias, decisões e indecisões que sufocam o ambiente moral e legal na região. Não só na região, já foi dito. Mas é ela que aqui foi colocada aos nossos cuidados.

<sup>26</sup> George Orwell, claro, em “*Animal farm*”, vertido para o português do Brasil como “A Revolução dos Bichos”.

## **SÚMULA** *mais ou menos vinculante*

**1. Não é de economia pura que se faz uma *Amazônia*. Ela não pode ser submetida pelos senhores do mundo ao cálculo frio. Há nela um cáldo espaço para a ética da doação e da gratuidade do amor. Não pode ser apenas o cenário e palco de desabrida competição entre seres humanos sanguíneos, predadores. Seja, sim, o espaço privilegiado para o convívio entre semelhantes de todas as etnias, cores, tipos. Solidários. E afáveis.**

**2. Ao revés, também não é de ecologia pura que se faz uma *Amazônia*. A sua regência não poderá ser confiada ao instinto animal, por sublimado que se apresente, antes deve ser confiada ao sentimento humano organizado pela razão. Não pode ela ser presa de turbilhões de paixão, ordenada que está a fazer bom uso da compaixão pelos sofrimentos da humanidade. Da brasilidade. E de plano, os da amazonidade.**

**3. Em contraste com o mundo ‘desenvolvido’, o crescimento econômico responsável da *Amazônia* reclama ainda, com justiça, por algum tempo mais, o direito natural de lutar por níveis atléticos de desempenho, de bater recordes na superação do fosso. O mundo não amazônico, ao invés, reúne condições objetivas para a frugalidade eo crescimento zero. Mas falha na adesão voluntária ao ascetismo.**

**4. Na verdade, de forma irresponsável e desafiadora, como quem não tem contas a prestar, esse mundo apartado é vítima das três ânsias que o corroem por dentro: a distância, a ganância e a arrogância. E ensaia transferir para o amazônida o seu dever de se tornar abstinentemente desde já. O carro adiante dos bois: **que pratiquemos jejum antes mesmo de superar a anemia crônica, antes de curar a anorexia que nos sufoca.****

**5. Enfim, amar o Brasil (e dentro dele a *Amazônia*), não fatias de um e outra, é muito mais do que cantar “Ó Pátria amada, / idolatrada, / Salve! Salve!” ou “Brasil, meu Brasil brasileiro, / meu mulato inzoneiro”. O mandamento cívico mais primário exige que se procure dar à nação (e à região) reais condições para fazê-las mais fraternas, e por isso mais solidárias, e por isso mais iguais. E mais felizes.**

Oxalá!